

Ferro e Praia

RUBEM BRAGA

NOTÍCIA boa daqui, Oto, só tenho uma: é sábado, e faz sol. A praia está cheia, e há tantos e tantos meses não acontece isso, que este sábado parece o primeiro sábado de verão do mundo.

A semana foi inquieta e lugubre, com passeatas, tiroteios, mortes, ameaças, atentados, prisões, declarações, desmentidos, confusões. Em compensação a semana próxima promete ser pior, pois não há sinal algum de que se tenha feito alguma coisa para melhorar as coisas, e elas, então, por atrito, usura e contumácia, e desgraça, se chocam e deterioram. Veja como estou escrevendo difícil e talvez sem sentido, fora do meu costume. Será menos confusão mental do que desgosto e fastio.

Outro dia escrevi sobre a Ferro e Aço de Vitória, lembrando ao Governo a urgência de começar a construir uma usina siderúrgica ali, junto ao porto do Tubarão; e imagine: um idiota telefonou me chamando de comunista, pois comunista é que tem mania dessa coisa de siderurgia; e outro me escreveu dizendo que eu estou defendendo uma cavação medonha de capitalistas brasileiros e alemães. O que nenhum dos dois sabe é que a Ferro e Aço, reduzida a uma produção mínima pelo descalço e imprevidência das autoridades, e dando prejuízos que se avolumam, pertence em 98 por cento ao Banco do Desenvolvimento Econômico e ao Tesouro Nacional — isto é, o prejuízo que ela dá quem o paga sou eu, você e todos os brasileiros, inclusive esses dois bocós. Começou, é verdade, pelos anos 40, como iniciativa particular, com um pequeno alto-forno a carvão vegetal, que teve a virtude de ser pioneira da siderurgia no Espírito Santo com suas modestas toneladas de gusa, e o defeito de queimar muitos alqueires de matas. Foi nesta década dos 60 que deixou de funcionar aquele forno para se instalar a laminação que, como expliquei, trabalhava com os blocos de aço que a Usiminas produzia. Foi então que a Ferrostaal A.G. se tornou o maior acionista particular da empresa e assumiu o encargo do financiamento e fornecimento de todo o material e equipamento importado: a Eisenbau Essen, do mesmo grupo, elaborou o projeto. Jaime Oliveira Santos, da família pioneira, e Hélio Jaguaribe puseram-se a trabalhar dentro de um esquema que funcionou muito bem até o momento em que deixou de ser atendido o requisito fundamental, que era a construção da usina do Tubarão — culpa

única e exclusiva da confusão, da boboquice e do anti-nacionalismo que caracterizou os primeiros tempos da «Revolução de Março».

Temos uma promessa do Marechal Costa e Silva de construir a usina, uma usina tecnicamente rentável, mais do que qualquer outra já existente, e absolutamente necessária ao desenvolvimento do Brasil. Mas onde estarão os recursos nacionais para isso, quando sentimos que a Vale do Rio Doce, por todos os motivos interessada no empreendimento, parece que vai levar seus dinheiros para financiar a United States Steel no Para? Por mais formidáveis que sejam as reservas de minério de ferro do Norte, não é claro, não é primário, que a construção de uma usina siderúrgica junto a um porto já existente, com uma estrada de ferro já funcionando, com uma laminação já produzindo, devia ter prioridade absoluta?

Ataques como esses que sofri não têm qualquer importância, apenas revelam a desorientação em vigor no País. A desgraça do Brasil é que alguns de seus economistas e técnicos mais bem equipados mentalmente para dirigir a batalha do desenvolvimento vão, com o tempo, se deixando envolver, por ambição, cansaço ou desleixo íntimo — por uma fundamental falta de caráter — nas téias dos interesses antinacionais.

Elas nossas Forças Armadas, cujos méritos únicos o Ministro do Interior destacava, que podem fazer? Neste caso particular, é um general que preside a Ferro e Aço, o General Hélio de Melo e Alvim, e tenho as melhores informações sobre sua competência e seu civismo; afirmam-se que, ao contrário de outros militares (e paisanos) que andaram por lá, é um homem esclarecido e de boa vontade. Mas que poderá ele fazer, a não ser defender dia a dia o funcionamento da empresa que administra, se nos altos conselhos, nos círculos das grandes decisões, o interesse do Brasil é descurado ou escamoteado? Até parece que no subconsciente de muitos está escrito o que só um teve a coragem tola de afirmar: «o que interessa aos Estados Unidos interessa ao Brasil!»

Essas coisas, Oto, desanimam e afligem; e cansam. Que País monótono e infeliz! Quer saber de uma coisa? Vou à praia; tudo o que há de bom é a praia, e a praia é a grande sabedoria dos sábados, e hoje é o primeiro grande sábado de sol da História do Mundo, adeus!

DN 27-10-68